



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/a-poetica-das-aguas/>

A poética das águas no imaginário amazônico dos ribeirinhos do Macurany e São Francisco

Jose Roberto Costa de Azevedo[1]

Claudia Vicari Zanatta[2]

RESUMO: Este ensaio analisa as narrativas orais que compõem o imaginário amazônico, com foco na figura mítica da Cobra Grande, símbolo central da cultura ribeirinha. A pesquisa aborda como essas histórias, coletadas nas comunidades de São Francisco (Careiro da Várzea) e Macurany (Parintins), no Amazonas, influenciam a construção da identidade e da imaginação local. Três produções artísticas de minha autoria – duas pinturas em telas e um mural - traduzem visualmente essas narrativas, ressignificando-as em diferentes contextos geográficos e culturais. A poética das águas emerge como uma metáfora que articula fertilidade, mistério e abundância no cotidiano das comunidades, onde a Cobra Grande transcende o real, simbolizando força, mistério e proteção. O estudo estabelece diálogos com teóricos como Gaston Bachelard, Gilbert Durand e João de Jesus Paes Loureiro, além de se inspirar na prática artística de Alexandre Sequeira e Jarbas Lobão. A análise destaca como a transposição da oralidade para a visualidade ressignifica as relações simbólicas das comunidades com ambiente natural, integrando crenças e práticas culturais. Esse processo reforça a memória coletiva e valoriza o patrimônio cultural amazônico, promovendo uma conexão entre o real e o imaginário.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade. Cobra Grande. Imaginário. Poética das águas. Pinturas.

The Poetics of the waters in the Amazonian imaginary of the riverside wellers of Macurany and São Francisco



ABSTRACT: This article analyzes the oral narratives that shape the Amazonian imaginary, focusing on the mythical figure of the Big Snake—a central symbol in riverside culture. The research explores how these stories, collected from the communities of São Francisco (Careiro da Várzea) and Macurany (Parintins), in the state of Amazonas, influence the construction of local identity and imagination. Three artistic works of my own creation—two canvas paintings and a mural—visually translate these narratives, resignifying them within different geographical and cultural contexts. The *poetics of the waters* emerges as a metaphor that conveys fertility, mystery, and abundance in the daily life of these communities, where the Big Snake transcends the real and symbolizes strength, mystery, and protection. The study draws on theorists such as Gaston Bachelard, Gilbert Durand, and João de Jesus Paes Loureiro, and is also inspired by the artistic practices of Alexandre Sequeira and Jarbas Lobão. The analysis highlights how the transposition from orality to visuality reinterprets the communities’ symbolic relationship with the natural environment, integrating cultural beliefs and practices. This process reinforces collective memory and values Amazonian cultural heritage, fostering a connection between the real and the imaginary.

KEYWORDS: Community. Big Snake. Imaginary. Poetic of water. Paintings.

Introdução

O imaginário amazônico, profundamente enraizado nas narrativas orais, revela uma rica interação entre mitos, símbolos e elementos naturais que moldam as identidades coletivas da região. Inspirado em autores como Gaston Bachelard, Gilbert Durand e João de Jesus Paes Loureiro, este estudo investiga a poética da água e os regimes simbólicos que permeiam lendas locais, como a da Cobra Grande. Dialogando com práticas artísticas contemporâneas, destacam-se as contribuições de Alexandre Sequeira e Jarbas Lobão, que transmutam oralidade em visualidade por meio de fotografias e murais. Nesse contexto, a pesquisa propõe a materialização de narrativas ribeirinhas, unindo arte e tradição, para fortalecer o sentimento de pertencimento e a preservação da memória cultural amazônica.

Aspectos do Imaginário e da Oralidade



Ao imaginar a Amazônia, imediatamente visualizamos uma vasta planície verde, repleta de riquezas naturais, encantos e mistérios. Adentrar a região é como embarcar em uma jornada rumo ao desconhecido, onde o mundo sobrenatural se entrelaça com o cotidiano, alimentando o imaginário de sua população. Nesse contexto, o imaginário surge como um espaço simbólico em que, mitos, arquétipos e representações culturais influenciam a construção das identidades coletivas. Autores como Gaston Bachelard (2002), Gilbert Durand (2002) e João de Jesus Paes Loureiro (2015) contribuem significativamente para a compreensão desse imaginário. Enquanto Bachelard explora a relação entre os elementos naturais e a psique humana, Durand analisa os regimes simbólicos que orientam nossas representações, bem como Loureiro investiga como o imaginário amazônico reflete as especificidades culturais e ambientais da região.

Ao imaginar a Amazônia, imediatamente visualizamos uma vasta planície verde, repleta de riquezas naturais, encantos e mistérios. Adentrar a região é como embarcar em uma jornada rumo ao desconhecido, onde o mundo sobrenatural se entrelaça com o cotidiano, alimentando o imaginário de sua população. Nesse contexto, o imaginário surge como um espaço simbólico em que mitos, arquétipos e representações culturais influenciam a construção das identidades coletivas. Autores como o filósofo francês Gaston Bachelard (2002), Gilbert Durand (2002) e João de Jesus Paes Loureiro (2015) contribuem significativamente para a compreensão desse imaginário. Enquanto o primeiro explora a relação entre os elementos naturais e a psique humana, o segundo analisa os regimes simbólicos que orientam nossas representações, ao passo que o terceiro investiga como o imaginário amazônico reflete as especificidades culturais e ambientais da região.

O filósofo francês dedicou seus estudos aos elementos naturais — fogo, água, ar e terra —, estabelecendo uma conexão entre eles e aspectos do imaginário humano. Sua análise revela que esses elementos não são apenas componentes físicos do mundo, mas também fontes de significados profundos no inconsciente coletivo. Entre eles, dá especial atenção à água, que, em sua essência, carrega significados poéticos e simbólicos. Argumenta que a água é uma "realidade poética completa", organizando imagens e estimulando a imaginação ao romper com percepções automatizadas (Bachelard, 2002, p. 14).



Segundo o autor, a água representa pureza e transformação, podendo assumir diferentes dimensões: como força tranquila e renovadora ou como "água violenta". “Desse modo, a água nos aparecerá como um ser total: tem um corpo, uma alma, uma voz. Mais que nenhum outro elemento talvez, a água é uma realidade poética completa” (Bachelard, 2002, p. 17).

A "poética das águas" simboliza a multiplicidade de significados da água no fazer poético, representando fluidez, renovação e transformação. Clara e brilhante ou amorosa e maleável, sua essência de constante mutação é reafirmada ao interagir com a terra, tornando-se moldável. Como destaca o filósofo: “O ser ligado à água é um ser em vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente” (2002, p. 7).

Gilbert Durand (2002), antropólogo e filósofo francês, identifica dois regimes principais do imaginário: o diurno e o noturno. O regime diurno está relacionado à racionalidade, separação e controle, enquanto o noturno associa-se ao mistério, integração e subjetividade. Essas estruturas ajudam a compreender como o ser humano lida com o transcendente, o tempo e a morte.

No contexto amazônico, narrativas como as da Cobra Grande se encaixam no regime noturno, marcado pela subjetividade, escuridão e profundidade das águas. Durand observa que esses momentos de transição, como o entardecer ou a meia-noite, reforçam a presença de seres sobrenaturais: “(...) a hora do meio e fim do dia, ou a meia-noite sinistra, deixa numerosas marcas terrificantes: é a hora em que os entes sobrenaturais maléficos e os monstros infernais se apoderam dos corpos e das almas” (Durand, 2002, p. 91).

João de Jesus Paes Loureiro (2015) explicita como o imaginário amazônico reflete as particularidades culturais e ambientais da região. Ele destaca a relação íntima entre os amazônidas e seu imaginário, evidenciando como a vida nas comunidades ribeirinhas, marcada pela convivência com rios e florestas, é poetizada. Essa poética cria um modo de ser que transcende a existência de forma contínua: “O homem amazônico é um incansável doador de sentido, moldado por um mundo cheio de significados” (Loureiro, 2015, p. 121).

Diálogos com Artistas Contemporâneos

A pesquisa também se inspira na prática artística de Alexandre Sequeira e Jarbas Lobão. Sequeira utiliza a fotografia como meio de interação com as comunidades amazônicas, criando narrativas



visuais que reforçam as memórias locais, enquanto, Lobão, explora o realismo e as representações regionais.

O trabalho de Alexandre Sequeira [3], artista paraense, utiliza a fotografia como meio para mediar relações humanas, ressignificar memórias e criar narrativas coletivas, aspectos que influenciam diretamente meu processo criativo. Projetos como *Nazaré de Mocajuba* (2005), onde trocas simbólicas transformaram objetos cotidianos em suportes para retratos, e *Vistas Cegas*, que resgata fotografias antigas para refletir sobre memória e esquecimento, destacam sua abordagem colaborativa e afetiva. Inspirado por sua prática, meu trabalho busca transpor narrativas orais em representações visuais que valorizem a identidade local e fortaleçam o sentimento de pertencimento, conectando histórias individuais e coletivas por meio de murais e outros suportes artísticos.



Fig. 1 - Benedita, 2005. Da série *Nazaré do Mocajuba*. Fotografia Digital. c-print (impressão em papel fotográfico) 0,45 x 0,60 m | Tiragem: 10 + PA



Fonte:Alexandresequeira.com

Já a obra de Jarbas Lobão [4], dialoga diretamente com a minha pesquisa e criação, especialmente na transposição de narrativas orais para a pintura mural. Seu mural *Os Seres Encantados da Amazônia* demonstra como a arte urbana ressignifica a cultura ao reinterpretar mitos amazônicos no espaço urbano, gerando impacto visual e simbólico. Compartilhamos desafios como preservar a profundidade simbólica das histórias orais e integrar memórias individuais e coletivas por meio de abordagens colaborativas. A perspectiva de Lobão, que equilibra tradição e contemporaneidade, inspira meu trabalho ao transformar oralidades e identidades locais em diálogos visuais conectados ao espaço e às comunidades.



Fig. 2 - Painel: A Lenda da Cobra Grande. Autor: Jarbas Lobão e equipe - 2022

Fonte: Arquivo pessoal do artista Lobão.

Nesse contexto, o imaginário amazônico se revela não apenas como um campo simbólico de estudo, mas como uma vivência compartilhada, em que mitos e lendas ganham forma nas expressões culturais das comunidades. A presença de figuras míticas como a Cobra Grande exemplifica essa articulação entre natureza, memória e identidade coletiva. É nesse de



entrelaçamento entre o simbólico e o cotidiano que se insere minha experiência de pesquisa e criação artística.

Desse modo, compartilho como ocorreu a transposição da oralidade para a visualidade, concentrando-me na narrativa da Cobra Grande, tão significativa para os ribeirinhos das comunidades de São Francisco [5] e Macurany [6]. O processo teve início com a coleta de histórias. Sentei-me com os moradores em suas casas e à beira do rio e, através de entrevistas e da observação participante, pude ouvir suas vozes e sentir a profundidade de suas experiências. Essas conversas foram fundamentais para compreender o simbolismo da Cobra Grande no cotidiano dessas comunidades. Para eles, essa figura mítica não é apenas uma lenda, mas uma presença viva que permeia a relação com o território e com os ciclos da natureza.

Cada relato trouxe à tona a conexão profunda que esses moradores têm com o ambiente ao seu redor. Essa imersão me fez sentir parte daquela comunidade, servindo de base para as expressões artísticas que emergiriam dessas narrativas. Ao transformar essas histórias em arte, busquei captar a essência do que ouvi, revelando a riqueza do imaginário ribeirinho e a centralidade da Cobra Grande em suas vidas. Essa jornada foi, portanto, mais do que uma pesquisa acadêmica; foi uma verdadeira imersão na alma da Amazônia.

Durante a disciplina *Espaços Transmutáveis* (PPGAV/UFRGS – DINTER) [7], uma visita à comunidade de São Francisco, no Careiro da Várzea, trouxe à tona histórias locais marcantes, como a do pescador Antônio Pereira (58), que compartilhou sua experiência com a aparição de uma cobra gigante durante a estiagem do Rio Amazonas. Ele descreveu:

“Desde pequeno, ouvia sobre a grande cobra que vive no fundo do rio, mas nunca dei muita atenção. Com o tempo, experiências mudaram minha visão. Em noites de lua cheia, ouvi barulhos estranhos e vi a superfície do rio ondulando, como se algo enorme estivesse subindo. Junto com outros pescadores, testemunhei uma parte do corpo dela deslizando pela água. Dizem que ela aparece nas secas, buscando o que o rio não consegue mais sustentar. Os mais antigos falam que, nesses dias, o rio se transforma, guardando segredos que nunca entenderemos. Desde então, fico à espreita; não sei se é medo ou respeito, mas sei que algo ali não pertence só a este mundo.” (Antônio Pereira, abril de 2024).



Inspirado por esses relatos, produzi duas pinturas em tela que evocam o mistério das noites de lua cheia. As obras foram exibidas na exposição Flota Mad Rio, sob a curadoria de Turenko Beça e Tetê Barachini, que ocorreu em dois momentos: em Manaus, de 30 de abril a 31 de maio de 2024, e em Porto Alegre, de 6 a 27 de novembro de 2024.

As obras “A Cobra Grande do São Francisco 1” e “A Cobra Grande do São Francisco 2” surgiram de uma profunda conexão com a cultura amazônica. Na primeira obra, de 60cm x 80cm, utilizei acrílica sobre tela para capturar a essência vibrante desse ser, escolhendo uma paleta de cores que evoca os elementos naturais da região. Na segunda obra, de 1m x 2m, ampliei essa abordagem, explorando a relação entre a Cobra Grande e seu ambiente. A técnica acrílica me permitiu criar texturas que transmitem a fluidez da água, refletindo a profundidade das narrativas que moldaram essas obras.

Assim, a transposição da oralidade para a visualidade não apenas preserva essas histórias, mas também ressalta a interconexão entre cultura, natureza e arte, mostrando como a Cobra Grande continua a influenciar e inspirar as vidas dos ribeirinhos.

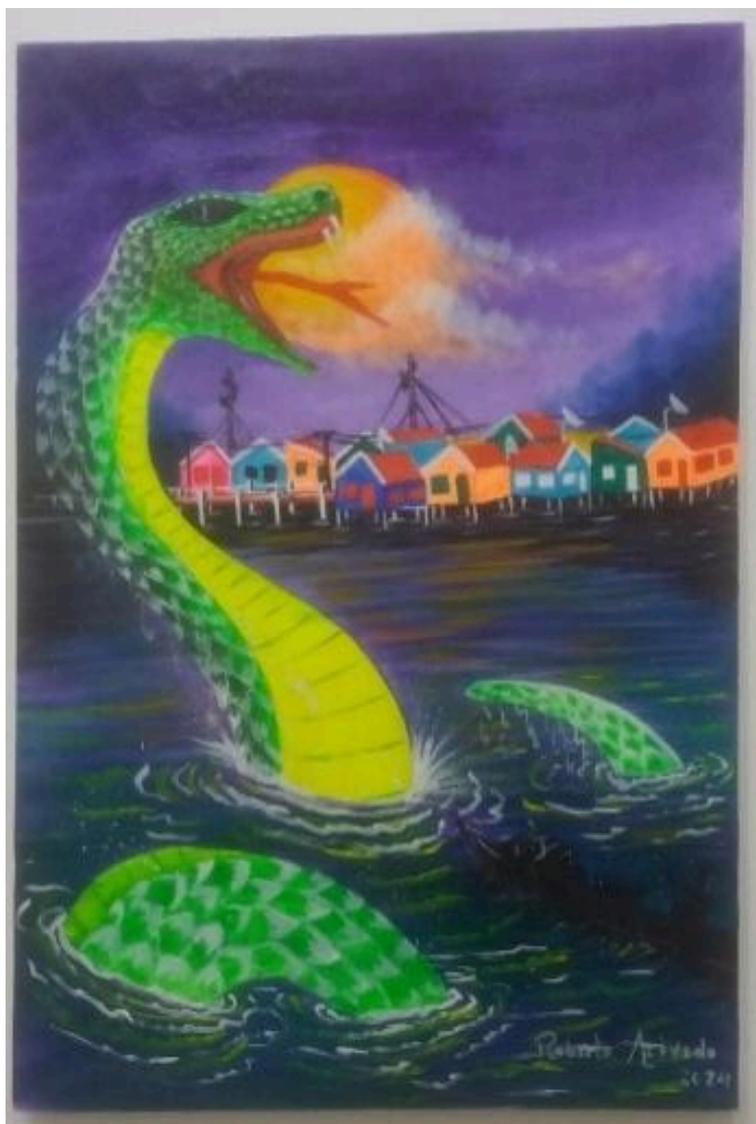


Fig. 3 – Obra: “A Cobra Grande do São Francisco 1” - 2024.

Dimensão: 60cm x 80cm. Acrílico sobre tela.

Autor - Roberto Azevedo

Fonte: o autor



Fig. 4 – Obra: “A Cobra Grande do São Francisco 2” - 2024.

Dimensão: 1m x 2cm. Acrílica sobre tela.

Autor – Roberto Azevedo

Fonte: Exposição Flota Mad in Rio – Porto Alegre.

Na comunidade do Macurany, em Parintins-AM, foram coletadas cinco narrativas orais que inspiraram o projeto *Pintura Mural: Um Olhar Sobre os Imaginários do Macurany*. O projeto resultou em oito painéis murais, cinco dos quais representam as narrativas *A Loira da Estrada*, *A Visagem do Pote com Ouro*, *O Cavalo Encantado*, *A Cobra Grande* e *O Curupira*.

O trabalho teve início com a organização dos documentos de trabalho, como o diário de campo, as narrativas coletadas e os registros fotográficos, que serviram de base para o processo de criação. A partir da leitura das cinco narrativas, foram elaborados desenhos interpretativos, inspirados pelo meu imaginário poético e traduzidos em papel cartão. Esses desenhos foram apresentados aos artistas que participaram das pinturas, transformando-os em painéis no muro. O projeto ilustra a transposição das narrativas orais da comunidade para o espaço visual, valorizando a memória e o imaginário amazônico por meio de um processo criativo coletivo, que uniu artistas e comunitários.



Apresento aqui uma breve sinopse sobre essas histórias contadas pelos os moradores da localidade:

A Loira da Estrada: A história narra o encontro sobrenatural de um jovem jogador de futebol com uma misteriosa mulher loira que assombra uma antiga estrada na comunidade. Após zombar da lenda local e desafiar a aparição, ele vivencia uma experiência aterrorizante ao sentir um peso inexplicável na garupa de sua bicicleta, revelando a presença da mulher. O encontro culmina em um aviso enigmático para que ele não brinque com o desconhecido, deixando um alerta sobre o poder das histórias transmitidas pelos antigos da comunidade.

A Visagem do Pote com Ouro: Durante a Cabanagem, riquezas foram enterradas para evitar saques, e as almas daqueles que morreram nessa época, aparecem como visagens, indicando onde os tesouros estavam escondidos. Uma mulher sonhou com uma alma que pediu para desenterrar um pote de ouro que estava sob uma mangueira. Com o marido e o irmão, começou a cavar à meia-noite, enfrentando visagens. Quando o pote apareceu, a ganância de um parente fez o tesouro desaparecer. A alma segue penando, aguardando alguém digno para libertá-la.

O Cavalo Encantado: Uma moradora da comunidade do Macurany, relembra as histórias contadas por seu avô sobre um estranho fenômeno que presenciou na juventude. Durante as noites, ouvia-se o som de um vaqueiro gritando e conduzindo gado inexistente, enquanto cavalos invisíveis passavam pela estrada próxima. O narrador, que também testemunhou os eventos, descreve a frequência dos gritos enigmáticos e o mistério de nunca terem visto nada. Segundo o avô, poderia ser uma alma penada buscando salvação. Mesmo após décadas, as lembranças do som persistem, marcando as noites silenciosas da comunidade.

O Curupira: Um morador da zona rural narra uma experiência marcante da juventude envolvendo o lendário Curupira. Durante uma busca por uma vitela perdida, dois conhecidos, Serginho e Bel, avistaram um misterioso curumim enquanto cavalgavam por uma área isolada. Tentaram alcançá-lo, mas o menino desviava habilmente, sem dizer uma palavra. Ao perceber que seria encurralado, o curumim disparou pelo pasto, deixando os cavalos atolados. O narrador, que já encontrou o Curupira em outras ocasiões, assegura que o ser não faz mal, apenas aparece quando necessário. Com convicção, ele afirma ter visto tudo com seus próprios olhos, cara a cara.



Dentro da poética das águas, destaca-se o painel *A Cobra Grande*, inspirado no relato de Antônio Godinho (in memoriam), recontado por seu filho. A narrativa descreve a experiência assustadora vivida por um pescador no rio Paranema, acompanhado de seu compadre Curica, que até então duvidava da existência da lendária Cobra Grande.

Durante uma pescaria noturna, sob um céu nublado e vento frio, os dois avistaram uma luz misteriosa que se aproximava rapidamente, sem emitir qualquer som. Inicialmente pensaram tratar-se de um barco, mas logo perceberam que era algo incomum — a própria Cobra Grande. A luz mudava de forma e lembrava os olhos de um animal.

Diante do perigo, remaram apressadamente para a margem e se esconderam entre as altas canaranas. A criatura os procurou, lançando olhares intensos, como feixes de luz, mas não conseguiu encontrá-los, protegidos pela vegetação e pelo vento que impedia a propagação do cheiro. A cabeça da cobra era enorme, coberta por escamas avermelhadas. Após algum tempo, a criatura se afastou.

A experiência transformou a visão de Curica, que, a partir de então, passou a confirmar a existência da Cobra Grande para quem quisesse ouvir. O episódio contribuiu para o fortalecimento do imaginário amazônico, agora eternizado na arte mural. Segundo o senhor Almiro Silva:

“Uma vez fui pescar com meu compadre Curica no rio Paranema. Ele não acreditava em cobra-grande, dizia que era tudo fogo-fátuo. Já era noite, o tempo estava feio, e vimos uma luz estranha no rio. Achei que fosse barco, mas vinha rápido e sem barulho — percebi que era a cobra. A luz parecia olho de bicho. Falei pro Curica e ele acreditou na hora. Fugimos pro meio das canaranas e nos escondemos. A cobra passou por cima, mas não achou a gente. A cabeça dela era enorme, cheia de escamas vermelhas. Depois foi embora. Curica ficou tão assustado que nunca mais duvidou. Foi por pouco que escapamos.” (*Almiro Silva, novembro de 2023*)



Fig. 5 - Paineis: Narrativa oral, “A Cobra Grande” - 2024.

Dimensão: 4,5m x 2m. Acrílica sobre a superfície do muro.

Autor – Roberto Azevedo, Clodoaldo Oliveira e Moisés Jacaúna.

Fonte: o autor



Fig. 6 - Painéis: As narrativas orais dos comunitários do Macurany - 2024.

Dimensão: 34m x 2m. Acrílica sobre a superfície do muro.

Autor – Roberto Azevedo e artistas convidados.

Fonte: o autor.



Conclusão

A conclusão deste ensaio ressalta a relevância da transposição das narrativas orais amazônicas para a arte visual, destacando a potência simbólica da água como elemento central. A partir da *Poética das Águas*, de Gaston Bachelard, compreende-se que a água não é apenas um elemento natural, mas um arquétipo presente no inconsciente coletivo, profundamente enraizado no imaginário dos povos ribeirinhos. Na lenda da Cobra Grande, por exemplo, a água é tanto cenário quanto símbolo de mistério, transformação e memória.

Gilbert Durand contribui para essa análise ao propor os regimes do imaginário, nos quais os mitos e arquétipos organizam a experiência humana. A Cobra Grande, nesse contexto, representa um símbolo fundamental do regime noturno do imaginário, ligado ao medo, ao sagrado e ao desconhecido — aspectos que emergem com força nas narrativas orais e nas imagens produzidas a partir delas.

Já João de Jesus Paes Loureiro amplia essa reflexão ao mostrar como o imaginário amazônico se constitui por meio de símbolos, mitos e lendas que estruturam a identidade regional. A oralidade é, portanto, um mecanismo essencial de transmissão e preservação desses saberes, agora ressignificados pela arte contemporânea.

A produção de pinturas em telas e murais, inspiradas em relatos de comunidades do Macurany e do São Francisco, reafirma o papel da arte como mediadora entre tradição e atualidade. Nesse processo, destacam-se as contribuições dos artistas Alexandre Sequeira e Jarbas Lobão. Sequeira, ao colaborar com comunidades locais na criação de imagens fotográficas, fortalece vínculos de pertencimento e memória. Lobão, por sua vez, insere os mitos amazônicos no campo da arte contemporânea, promovendo diálogos entre o popular e o erudito, o ancestral e o presente.

Assim, a pesquisa evidencia que a arte visual, ancorada em referenciais simbólicos e teóricos, pode preservar e reatualizar tradições culturais, promovendo reflexões profundas sobre a identidade amazônica. A imaginação, enquanto força criadora, torna-se ponte entre o passado mítico e o presente vivido, garantindo a continuidade das memórias e o fortalecimento das comunidades diante das transformações contemporâneas.



Bibliografia

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. Trad. Antonio de Pádua Denesi. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. 3^ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica – Uma poesia do imaginário*. 5^ª ed. Manaus: Editora Valer, 2015.

SEQUEIRA, Alexandre. Página oficial. Disponível em: <http://www.alexandresequeira.com/>. Acesso em: 24 out. 2024.

Instagram: <https://www.instagram.com/mr.lobao/> Page: www.facebook.com/lobao99. Acesso em 14 de dez, 2024.

Recebido em: 15/02/2025

Aceito em: 15/05/2025

[1] Graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Mestre e doutorando em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Email: 00322483@ufrgs.br

[2] Professora doutora no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: claudia.zanatta@ufrgs.br

[3] Alexandre Romariz Sequeira, artista visual e professor da UFPA, é especializado em fotografia e relações humanas. Formado em Arquitetura, com mestrado e doutorado, suas obras foram exibidas em importantes eventos e estão em acervos renomados, como MASP e MAR.

[4] Lobão, artista visual autodidata e pioneiro do graffiti no Norte do Brasil, destaca-se por seu estilo que combina realismo, elementos amazônicos e técnicas 3D. Residente em Manaus há quase 30 anos, participou de eventos nacionais e internacionais e foi o primeiro a criar um mural em uma lateral de prédio na cidade. Suas obras incluem trabalhos para grandes marcas e homenagens a figuras como Zezinho Corrêa, reforçando sua importância na arte urbana e na cultura amazônica.



[5] A Comunidade São Francisco, localizada na Costa da Terra Nova, no município de Careiro da Várzea, Amazonas, é composta por diversas comunidades ribeirinhas com uma forte relação com o rio Solimões. A área de várzea enfrenta mudanças sazonais nas paisagens, afetando o uso da terra e as atividades econômicas, especialmente a agricultura, que inclui o manejo de plantas adaptadas às condições do ambiente. A comunidade tem 181 famílias e cerca de 724 moradores, e está situada entre as comunidades São José e Nossa Senhora da Conceição. A vida social e econômica da comunidade é profundamente influenciada pelas mudanças nos rios e pela conexão com o ecossistema amazônico. A comunidade preserva práticas socioculturais tradicionais que reforçam os laços entre os moradores, como festas religiosas, eventos comunitários e a transmissão de saberes e histórias locais por meio de narrativas orais. Essas tradições são fundamentais para a manutenção de sua identidade cultural, refletindo a convivência harmoniosa com o meio ambiente e a adaptação ao ciclo das águas.

[6] A Comunidade do Macurany, localizada na zona rural de Parintins (AM), a cerca de 8 km do centro, é uma das mais antigas da região, com acesso fluvial ou terrestre. Com cerca de 500 famílias e mais de 2.000 habitantes, conta com uma escola municipal de ensino infantil e fundamental e uma igreja católica dedicada a Santa Luzia, cuja festa anual fortalece os laços culturais e religiosos. Sua economia, antes voltada para pesca, agricultura e extrativismo, hoje é diversificada, incluindo agropecuária, programas sociais e trabalhos autônomos. No aspecto sociocultural, o Macurany preserva práticas tradicionais essenciais para a identidade local, como as narrativas orais, festas religiosas e eventos comunitários, que promovem união e reforçam o senso de pertencimento. Essas tradições, aliadas à adaptação econômica, consolidam a rica herança cultural amazônica da comunidade, que, embora faça parte da diversidade regional, mantém características próprias e se destaca como um exemplo do mosaico amazônico.

[7] Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - DINTER – Doutorado Interinstitucional.